

País da classe média

(Marcelo Tokarski)

RENDA

Brasileiros com rendimento domiciliar médio de R\$ 1.064 a R\$ 4.581 são maioria, segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas. Estabilidade monetária ajudou a elevar o consumo de 19,5 milhões de pessoas

Pela primeira vez na história recente, a classe média passou a ser maioria na população brasileira. Esse estrato social, que tem renda domiciliar média entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591, subiu de 44,19% da população em 2002 para 51,89% em abril deste ano, segundo revela o estudo “A nova classe média”, divulgado ontem pelo Centro de Políticas Sociais (CPS) da Fundação Getúlio Vargas (FGV). O levantamento tem como base os dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nas seis principais regiões metropolitanas do Brasil. Extrapolado para todo o país, significaria dizer que, nesse período, cerca de 19,5 milhões de brasileiros ingressaram na tão sonhada classe média.

De acordo com o coordenador do estudo, o economista Marcelo Neri, essas pessoas viram crescer seu poder de consumo devido à estabilidade monetária, ao aumento da renda e ao forte crescimento do emprego com carteira assinada. “A carteira de trabalho é o maior símbolo da classe média. Por isso, após duas décadas perdidas, com forte desemprego, a classe média ressurge”, afirmou. Como exemplo, ele cita a criação de 1,8 milhões de empregos formais nos últimos 12 meses.

A vida de Marjore Chaves, 27 anos, é um retrato dessa mobilidade social atravessada pelo Brasil. Até 2004, a família dela vivia com os R\$ 800 ganhos pelo pai, funcionário terceirizado da Presidência da República — a mãe é dona de casa. Há quase quatro anos, a moradora de Sobradinho conseguiu um emprego com carteira assinada. Hoje, é secretária terceirizada do Ministério da Fazenda. Com o emprego, a renda da família saltou para R\$ 1,7 mil mensais.

O aumento de renda elevou o padrão de consumo. Marjore conseguiu, por exemplo, continuar pagando a faculdade, e acabou concluindo o curso de história. Hoje, faz mestrado na Universidade de Brasília (UnB). Além disso, o ingresso na chamada classe média proporcionou mais conforto à toda a família. “Com o dinheiro, deu para comprar outra televisão, trocar móveis e o jogo de cozinha. Tudo parcelado, é claro. Deu para fazer até uma pequena reforma na casa”, conta. Até viajar de férias deixou de ser um sonho. Após concluir o mestrado, Marjore espera poder dar aula ou trabalhar com pesquisa acadêmica.

Miséria

Além da expansão na classe média, o estudo mostra uma continuidade no movimento de redução da miséria iniciado em 2004. De acordo com os dados da FGV, a fatia de miseráveis (pessoas com renda mensal inferior a R\$ 155) saiu de 37,17% da população em abril de 2004 para 25,16% em abril deste ano. Marcelo Neri explica que, nos últimos 12 meses terminados em abril, a miséria caiu 13,5% no país. Foi o melhor desempenho da história, à frente da queda de 12,3% registrada entre abril de 2004 e abril de 2005. “Para se ter uma idéia, o terceiro melhor desempenho se deu entre abril de 2006 e abril de 2007, com uma redução de 8%”, disse o economista (leia mais sobre redução da miséria na página 16).

“Acho que é uma situação notável, principalmente porque nos últimos dois anos boa parte da melhora se deu em cima de geração de renda, de trabalho. Cada vez o brasileiro está ganhando mais o seu dinheiro e dependendo menos, nos últimos dois anos, de transferências sociais. Isso é bastante bom do ponto de vista das pessoas e da sustentabilidade da situação delas mais à frente”, reforçou Neri.

Estabilidade

Além de maior, a classe média está mais estável. Em 2003, quando o país vivia uma crise econômica, apenas 78,9% das pessoas que estavam nesse estrato conseguiram se manter nele. Hoje, esse percentual subiu para 84,6%. Há cinco anos, 10% dos integrantes da classe média haviam caído para a classe D e outros 8,8% para a classe E. Significa dizer que 18,8% das pessoas pioraram de vida. Hoje, esses percentuais estão em 7% e 3,7%, respectivamente. Ou seja, apenas 10,7% dos integrantes da classe média desceram de patamar.

Em compensação, no mesmo período o volume de pessoas que saiu da classe média e passou a integrar a elite do poder econômico no país (classes A e B, com renda familiar acima de R\$ 4.591) quase dobrou, passando de 2,39% para 4,74%. “Não só a classe média cresceu como, apesar da atual crise na economia mundial e do aumento da inflação, ela não foi afetada. A classe média está no seu melhor ano”, afirmou Marcelo Neri. A pesquisa da FGV mostra que, hoje, 15,52% das pessoas com idade entre 15 e 60 anos estão nas classes A e B. Há cinco anos, esse percentual era de 11,59%.

Na avaliação do autor do estudo, os bons resultados da recuperação da economia brasileira ainda não se esgotaram, e a tendência é de que a classe média continue se expandindo. “Até agora, esse movimento de mobilidade social não acabou. O tempo ainda está bom aqui no Brasil. A crise internacional e a alta da inflação ainda não afetaram a colheita de dados sociais”, apostou.

Diferenças regionais

Entre as seis principais regiões metropolitanas pesquisadas pelo IBGE, a de São Paulo é a que tem a maior classe média. De acordo com o estudo da FGV, no maior aglomerado urbano do país 54,68% da população se encontra nesse estrato social. Assim como São Paulo, estão acima da média nacional (51,89%) as regiões metropolitanas de Belo Horizonte (53,9%), Porto Alegre (53,67%) e Rio de Janeiro (52,42%). Já a classe média é menor em Recife (36,67%) e em Salvador (41,28%).

No primeiro semestre do ano, essas seis regiões criaram 387 mil empregos com carteira assinada, o equivalente a 28,5% do total de vagas formais abertas no país. É a maior proporção da série histórica do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), iniciada em 1992. Há cinco anos, esse percentual era de 12,45%.

Em relação à miséria, a desigualdade regional permanece. Recife e Salvador têm os maiores índices de pobreza, respectivamente com 44,06% e 33,88% da população vivendo com menos de R\$ 155 mensais. A região metropolitana com menor grau de miséria é São Paulo (19,93%), seguida de Porto Alegre (22,91%), Rio (25,73%) e Belo Horizonte (26,48%). A média nacional é de 25,16%. (MT)